

# BIBLIOTERAPIA NO ÂMBITO HOSPITALAR

## BIBLIOTERAPIA EN EL ÁMBITO DE HOSPITAL

Sueli Bortolin\*  
Sandra da Silva\*\*

### RESUMO

**Introdução:** Nesta pesquisa buscou-se ressaltar a importância que a leitura tem para pessoas hospitalizadas. A leitura está presente na sociedade há milhares de anos, a junção entre leitura e terapia denominada – biblioterapia, ainda é uma técnica pouco utilizada por profissionais da Saúde e pouco pesquisada por profissionais da informação.

**Objetivo:** Investigar, na perspectiva dos integrantes do projeto Sensibilizarte, como a biblioterapia pode ajudar pessoas que estão hospitalizadas.

**Metodologia:** Pesquisa qualitativa exploratória e de campo, tendo como instrumentos de coleta de dados a entrevista estruturada e o roteiro de observação.

**Resultados:** Saliou-se, por meio do projeto Sensibilizarte, que a biblioterapia deve ser exercida por profissionais da área da Saúde em parceria com outras áreas, visando propiciar melhoras nos pacientes com a Contação de histórias.

**Conclusões:** Foi possível apontar que a integração da biblioterapia e bibliotecários, disseminando o narrando histórias pode diminuir estereótipos criando assim uma nova visão da profissão. Detectou-se que os bibliotecários podem e devem criar vínculos com profissionais de áreas distintas, nesse caso, a da Saúde.

**Palavras-chave:** Biblioterapia em Hospitais. Leitura terapêutica. Bibliotecários-leituras monitoradas.

## 1 INTRODUÇÃO

A escrita e a leitura estão presentes na sociedade há milhares de anos, desde tempos mais remotos temos a necessidade de nos comunicar e transmitir o que pensamos e desejamos. Essa necessidade

\* Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Marília. Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [bortolin@uel.br](mailto:bortolin@uel.br).

\*\* Pós-graduanda em nível de Especialização em Gestão de Biblioteca Escolar e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [sandra6186@hotmail.com](mailto:sandra6186@hotmail.com).

está relacionada ao ato de se narrar acontecimentos como uma forma de transmitir ensinamentos, lições de vida e acontecimentos históricos.

No decorrer dos anos uma ponte entre leitura e terapia aos poucos foi sendo construída. Através da literatura consultada para esta pesquisa é possível verificar que desde os tempos primórdios há uma preocupação com a leitura e com o que se obtém dela.

Verificamos que a associação de bem-estar com a leitura não é uma descoberta recente. Essa relação só foi aperfeiçoada com o passar dos anos, e aos poucos foi ganhando espaço também na área da Saúde, pois se podemos usar a leitura como terapia e fonte de estímulos, porque não associá-la a algum tratamento médico como o auxílio à recuperação e superação de doenças físicas e mentais.

Com a biblioterapia é possível proporcionar às pessoas um diálogo com autores de diferentes textos. Essa iniciativa pode motivar mudanças gratificantes na vida desses leitores e ouvintes.

Os estudos descritos no decorrer desta pesquisa têm por finalidade apontar como a leitura, a saúde mental e física está correlacionada com êxito, exaltando o trabalho da biblioterapia.

Por meio da leitura podemos identificar contextos vividos e até mesmo solucionar problemas vivenciados no dia a dia. A leitura consegue proporcionar um ambiente diferente da realidade presente. Com ela é possível imaginar, transcender e obter um novo pensamento. Com uma história bem narrada o ouvinte pode se tornar personagem e isso irá ajudá-lo a superar ou amenizar obstáculos psicológicos em sua vida.

Etimologicamente “A palavra ‘biblioterapia’ é composta de dois termos de origem grega, ‘livro’ e ‘terapia’. Deste modo, a ‘biblioterapia’ é a ‘terapia por meio de livros.” (OUAKNIN, 1996, p. 11).

Com a biblioterapia é possível nortear o leitor e levá-lo para outro ambiente, inseri-lo em locais nunca vistos, possibilitando sensações, vibrações de um mundo muitas vezes inexplorado. Dependendo do gênero do livro, que será narrado pode provocar lembranças antigas,

relacionar fatos antes desconhecidos, enfim uma leitura é como uma bússola indicando o caminho a percorrer.

Pensar em se obter, manter e recuperar a saúde nos dias de hoje é uma preocupação quase que universal. Buscamos uma alternativa válida para este fim e a leitura é de fato um meio a ser considerado, e está cada vez mais presente nos ambientes com pessoas enfermas através de grupos de leitura ou até mesmo por indicações médicas.

Proporcionar um “novo mundo” às pessoas que muitas vezes não podem se deslocar de seus leitos é um feito dos livros, filmes, músicas. “A palavra ‘terapia’ tem essencialmente um sentido curativo. O remédio e o médico vêm para ‘reparar’ uma ‘fratura’ do corpo, do espírito ou da alma.” (OUAKNIN, 1996, p. 12).

Por intermédio da leitura em ambientes hospitalares pode-se motivar não somente pacientes, mas todos os sujeitos que circulam neste local, visando uma melhoria não apenas nos pacientes, mas também em toda a equipe participante da ação.

Portanto, ao ouvir o discurso dos membros do projeto Sensibilizarte do Hospital Universitário (HU) visamos verificar como a leitura tem auxiliado no enfrentamento da enfermidade, e proporcionado um alívio às dificuldades vivenciadas no âmbito hospitalar.

Um bom relacionamento entre médicos, enfermeiros etc., com os pacientes é de suma importância e a possibilidade de se ler, indicar ou acompanhar a leitura para estes indivíduos faz com que seja propiciada uma aproximação entre estes grupos. Assim métodos como a biblioterapia são importantes, tanto para enfermos quanto para profissionais da área da Saúde.

A aproximação que se ocasiona através da utilização deste método faz com que, de um modo geral, estes profissionais tratem os pacientes de forma mais humanizada, visto que com a rotina de trabalho este olhar acaba se perdendo e, os pacientes, por muitas vezes, se tornam somente diagnósticos e estatísticas.

Explorar, disseminar e propor um novo sentido a leitura ligada à saúde, é um caminho a se buscar. A biblioterapia é um indicador deste processo auxiliando na possível recuperação de pacientes enfermos.

Com essa pesquisa buscamos responder e indicar de que modo a leitura está relacionada com a saúde. Apoiando-nos em leitura especializada procuramos compreender de que forma este método é utilizado, destacando sua importância na referida área.

A biblioterapia aparece constantemente na literatura da área da Ciência da Informação (CI), porém nossa avaliação é que estas iniciativas ainda são escassas, exigindo do bibliotecário maior atuação. O mesmo ocorre com as pesquisas científicas, sendo mais numerosa a da pesquisadora Clarice Fortkamp Caldin da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O objetivo estabelecido para essa pesquisa foi: Investigar, na perspectiva dos integrantes do projeto Sensibilizarte, como a biblioterapia pode ajudar pessoas que estão hospitalizadas.

Quanto aos objetivos específicos são: a) Apontar como podemos amenizar o sofrimento de pessoas hospitalizadas através da leitura; b) Questionar aos integrantes do projeto Sensibilizarte se as narrativas orais podem melhorar a vida e promover o bem-estar dos indivíduos hospitalizados; c) Investigar se as narrativas orais são ações de biblioterapia que podem ser aliadas a recuperação de pessoas enfermas; d) Verificar *in loco* como são realizadas ações de biblioterapia nos ambulatórios do HU/UEL.

Essa pesquisa procurou expor como a biblioterapia deve ser utilizada em ambientes hospitalares e como os profissionais da área da Saúde podem estar ligados com os bibliotecários, construindo assim uma ponte de conhecimento, possibilitando acesso a diferentes informações.

## 2 BIBLIOTERAPIA NO ÂMBITO HOSPITALAR

Não é recente o uso da atividade de leitura como terapia. Segundo Alves (1982, p. 54-55), além de terapêutica a leitura tinha um cunho espiritual, “Há milênios atrás, o faraó egípcio Ramsés II mandou colocar no frontispício de sua biblioteca a inscrição: ‘Remédios para a alma’.”

Observamos que a ideia de auxiliar doentes por meio da literatura é uma preocupação que remonta a história humana, identificando assim que algumas sociedades antigas valorizavam este método terapêutico.

Também há dados históricos a respeito dos gregos que afirmam que eles faziam associação entre o tratamento médico e espiritual. Eles referiam-se as suas bibliotecas como “A medicina da alma”.

Segundo Alves (1982), o uso da biblioterapia se deu nos Estados Unidos por volta do ano de 1800 e um de seus pioneiros foi Benjamim Rush que utilizava a leitura como um auxílio para doentes mentais. No livro de sua autoria intitulado “Medical Inquiries and Observation Upon the Diseases of the Mind” (Consultas Médicas e de Observação sobre as Doenças da Mente), o uso da leitura foi aconselhado para tratamento de doentes mentais, pessoas que possuíssem manias, conflitos internos, dentre outros.

No século XX a prática da biblioterapia passa a ser, inicialmente nos Estados Unidos, realizada em bibliotecas hospitalares, chamando a atenção dos profissionais da área da Saúde e da terapêutica. Em 1904 iniciou-se um programa que envolvia aspectos psiquiátricos com a leitura no *Mc Lean Hospital* em Massachussets, já em 1940 a biblioterapia recebeu a atenção do *Menninger Clinic*, que visava estabelecê-la como ciência. Um fato curioso é que nessa época o *Veterans Hospital* utilizava a leitura inclusive com pacientes submetidos à terapia de choque.

No Brasil ao analisar as características da produção documental sobre a biblioterapia, confirmamos que ocorre um aumento a partir do ano 2000, e que esta é, em sua maioria, realizada por pesquisadores

que faziam suas pesquisas de formas autônomas. O interesse pela biblioterapia data de anos ou mesmo décadas, e “[...] essa produção está situada, notadamente, em núcleos de pesquisa dentro de instituições de ensino superior, particularmente as Universidades Federais.” (SILVA, 2005, p. 66).

Constatamos que a prática da biblioterapia está presente em instituições acadêmicas há poucos anos, porém já é aplicada há várias décadas. A divulgação desse tratamento deve ser feita para se ampliar a prática em instituições diversas. “[...] a biblioterapia é considerada, além de um campo de produção científica, um campo de atuação constituído por médicos, psicólogos, psiquiatras, educadores, bibliotecários, assistentes sociais e terapeutas de diversas vertentes.” (FERREIRA, 2003, p. 37).

Quando se busca por definições de biblioterapia é possível verificar o quanto este termo, apesar de importante para nossa sociedade, demorou a fazer parte do dia a dia dela. Porém, na atualidade ele está em ambientes informacionais, de cunho educativo, terapêutico ou associado a outras áreas como hospitais.

Ao verificarmos a ligação da biblioterapia com tratamentos psicológicos, podemos afirmar que, desde que seja bem orientada por profissionais que conheçam o histórico dos pacientes, a leitura pode ajudar no tratamento de pacientes com depressão e síndromes psicológicas, levando-os para uma área de conforto e assim ajudá-los a se posicionar diante dessas doenças.

Isso também pode ser percebido no discurso de Almeida (2011), quando afirma ser “[...] um método que se utiliza da leitura e outras atividades lúdicas como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental. É aplicada como educação e reabilitação em indivíduos em diversas faixas etárias.”

Com este conceito inferimos que a biblioterapia está ligada aos tratamentos terapêuticos, psicológicos e também a tratamentos da saúde física, pois a parte física de um indivíduo está diretamente envolta a sua área psicológica. Se uma área não estiver boa a outra não vai

corresponder aos estímulos saudáveis. Por esta razão que a leitura pode nos ajudar a superar obstáculos e romper barreiras criadas por experiências ruins ou crenças cristalizadas.

Assim, analisamos como de suma importância que profissionais de áreas diferentes encontrem semelhança em suas profissões, é possível acreditar que a junção que pode ser feita seja de grande contribuição para o desenvolvimento de toda uma sociedade.

A Biblioterapia surgiu do uso da leitura para auxiliar pessoas a melhorar a qualidade de vida, fazendo-as enfrentar seus medos, anseios, problemas e situações difíceis. Não é o ato de ler que possibilita essa situação, mas a interpretação de informações importantes e a sua utilização com o propósito modificador e transformador. (GUEDES; BAPTISTA, 2013, p. 232).

Nesta pesquisa estamos levando em consideração que não é apenas a leitura de autoajuda, que como o próprio termo, afirma, ajuda, mas outros gêneros de literatura apoiam as pessoas a encontrar por meio da leitura, uma base que possa, não, solucionar, mas amenizar os problemas emocionais e encará-los de forma mais tranquila.

Há também o fato de se ampliar conhecimento, pois a partir do instante em que os indivíduos obtêm isso, tendem a fazer questionamentos que podem levá-los à compreensão das doenças vividas por eles, seja ela física ou mental.

Para uma doença em que o indivíduo se encontra sem condições de sair do seu leito, a leitura, seja ela narrada ou não, pode levá-lo a visualizar por meio de um simples jornal o que ocorre além do local em que ele se encontra.

Assim entendemos que, o bibliotecário consegue fazer por meio da biblioterapia a união de leitura com o leitor e com a contação de histórias podemos ir além, associando leitura e leitor, nesse caso ouvinte, isto é, aquele que tem a oportunidade, em uma *performance* vocal, vibrar com um texto e o narrador alcançar uma mediação ampla e afetiva.

Nesse estudo foi possível verificar que a leitura consegue ser um tratamento para o espírito, visto que as palavras têm poder de emocionar, convencer, cativar e influenciar os indivíduos. Os livros apresentam uma junção de palavras, que provocam mentalmente a imaginação de fatos descritos que podem ter ocorrido ou não. Para Caldin (2001, p. 37) “A linguagem em movimento, o diálogo, é o fundamento da biblioterapia. [...] No diálogo biblioterapêutico é o texto que abre espaço para os comentários e interpretações [...]”.

Com esta afirmação podemos inferir que a leitura de textos pode nortear leitores a seguir ou não linhas de pensamento expostas pelos autores. Por conta disso, é necessário que haja um cuidado com os temas escolhidos para pessoas que estão em tratamentos psicoterapêuticos, pois um texto equivocado geralmente leva um paciente a ter entendimento errado e, isso pode acarretar a não resolução de problemas vivenciados, o surgimento de novos problemas, tornando o tratamento por meio de livros uma farsa.

Para Caldin (2001, p. 37) “A biblioterapia não se confunde com a psicoterapia, posto que esta última é o encontro entre paciente e terapeuta e a primeira se configura como o encontro entre ouvinte e leitor em que o texto desempenha o papel de terapeuta.”

Podemos dizer que não somente a leitura individual pode servir de auxílio. As leituras feitas em grupos também servem para apoiar as pessoas em seus tratamentos. Um grupo de leitura monitorada possibilita a ajuda mútua entre as pessoas, por exemplo, experiências de leituras feitas tornam os membros do grupo mais unidos e menos sós.

Ler pode ajudar não só o ouvinte, mas também o leitor, pois para se transmitir confiança e interferir na autoestima de uma pessoa é preciso que quem faça isso esteja radiando esses itens. Este é o pensamento de Miranda e Miranda (1991, p. 28), quando afirmam: “[...] o ajudador tem como característica básica uma boa dose de auto-estima. Isso significa que ele aprendeu a se amar acima de tudo e independente das circunstâncias externas de sua vida.”

É muito importante criar vínculos com os ouvintes, pois com isso podemos diagnosticar o que pode estar afetando essas pessoas. No momento da contação de história é preciso estar atento a todas as reações, em especial, das pessoas que estão no ambiente.

“As atividades biblioterapêuticas permitem ao indivíduo entender uma situação conflitante mediante leituras e suas interpretações, sendo um ato favorável a todos que necessitam superar a incapacidade de lidar com determinadas situações.” (GUEDES; BAPTISTA, 2013, p. 235)

A escolha do gênero de literatura ou de outros textos, também é fundamental, pois é preciso que ele desperte o interesse do ouvinte, portanto, o mediador precisa respeitar as escolhas dos ouvintes, a idade, sexo, cultura, religião entre outros fatores. De acordo com Guedes e Baptista (2013, p. 235),

Ao ler ou ouvir uma história devidamente selecionada, o leitor se depara com um personagem com quem pode se identificar e participar de sua experiência, distanciando-se de seus próprios problemas e, dessa forma, encontra a possibilidade de encarar seus conflitos sem medo, ansiedade ou autocrítica.

Viver ao menos por alguns instantes as narrativas de um livro, por exemplo, pode não só fazer com que o ouvinte saia de sua vida cotidiana, mas também ajudá-lo a lidar com situações vivenciadas no seu dia a dia, é possível visualizar uma vida diferente e por intermédio disso construir sonhos que podem ser conquistados.

Podemos citar como exemplo de prática biblioterápica o trecho do filme *O Óleo de Lorenzo* que retrata uma mãe que sempre lê para o seu filho, que está com uma doença que o deixa incapaz de se expressar com exatidão. O garoto por estar há muitos anos acamado e ter crescido acaba por não gostar do tipo de leitura que a mãe oferece, desde criança. Ele tem dificuldades de se comunicar, por conta do seu estado físico, a sua mãe, por sua vez demora a entender um gesto delicado do seu filho. Após a demonstração de rejeição de um texto ela consegue compreender que não estava respeitando a idade do filho que já estava adolescendo, portanto o livro já não correspondia a sua idade.

Confirmando o que observamos Guedes e Baptista (2013, p. 241), afirmam. “Um elemento muito importante ao se considerar na comunicação é o ruído, sendo entendido como uma dificuldade da mensagem em ser recebida e entendida, ou seja, uma falha nesse processo.” Assim verificamos o quanto é importante uma preparação antes de qualquer contação de histórias.

O bibliotecário vem ganhando destaque em diversas atividades que não estão diretamente ligadas as bibliotecas, podendo assim ampliar seus conhecimentos e mediar informações em áreas distintas. Porém, há diversos questionamentos a respeito de leigos ocuparem essa função, incluímos aqui o bibliotecário, possivelmente isso aconteça pelo desconhecimento das possibilidades de atuação desse profissional. No entanto, vale destacar que ele deve buscar especialização para aprimorar os seus conhecimentos, visto que para atuar em ambientes da Saúde o bibliotecário precisa de parceria com profissionais ligados a ela.

Isso também se aplica a outras áreas em que pode ser utilizada a biblioterapia. Essa parceria depende de relações, entendimento e interesses de todos, pois só assim será elaborado um trabalho em conjunto, e a possibilidade de se obter um resultado positivo de leitura como tratamento se concretize.

O bibliotecário deve ir além da biblioteca, é preciso explorar outros ambientes com o intuito de expor os serviços que se pode oferecer. A partir do momento em que o bibliotecário busca se aprimorar em áreas que ele também pode atuar, o seu trabalho passa a ser reconhecido e o estereótipo criado para esse profissional vai deixando de existir, vale destacar que: “Esses profissionais são mediadores da informação, pois eles transferem informações interpretadas às pessoas e permitem o desenvolvimento cognitivo.” (GUEDES; BAPTISTA, 2013, p. 245).

Com isso acreditamos que esse profissional deva arriscar indo além da mesmice, pois só assim pode verificar o quanto sua mediação é importante para a formação e manutenção de leitores.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nessa pesquisa buscamos elencar como a biblioterapia pode ajudar na recuperação da saúde e se a leitura monitorada de textos previamente escolhidos faz com que os pacientes esqueçam por alguns instantes sua real condição.

A indagação sobre a biblioterapia nos permitir explorar e abrir novos conceitos, pois é um tema que ainda traz diversos questionamentos. Além disso, averiguarmos se a biblioterapia na área hospitalar pode trazer uma contribuição científica ao segmento da Saúde.

Seu enfoque é qualitativo. Segundo Creswell (2007, p. 184) “A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados.”

Utiliza ainda a pesquisa exploratória que tem o “[...] objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.” (GIL, 2012, p. 27). A escolha pela pesquisa exploratória deve-se ao fato de facilitar o entendimento do contexto em que este estudo está inserido.

A leitura deve estar presente em locais diversos, inclusive no espaço hospitalar que é um ambiente onde predomina a dor física, psicológica e o *stress*. A espera por uma alta nos casos de internações ou por tratamentos longos em um local muitas vezes desconhecido, causa depressões e angústias.

Vale destacar que a investigação também pode ser caracterizada como uma pesquisa de campo, em que, “[...] a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com possíveis informantes para levantar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo.” (OTANI; FIALHO, 2011, p. 40).

Procuramos com o auxílio da pesquisa de campo observar como a biblioterapia é praticada pelo grupo, por meio dela foi possível nos inserir no mesmo ambiente que eles e nos inteirar de todo o processo

realizado, podemos assim elencar e descrever como a ação do grupo se desenvolve na prática.

O universo de pesquisa estudado foi composto pelo Hospital Universitário (HU) da Universidade Estadual de Londrina (norte do Paraná). A população alvo foram os membros do projeto Sensibilizarte com o foco na Frente Contação de Histórias.

No site Portal *Webhu* consta que este Hospital foi fundado em 01 de agosto de 1971 e titulado como Hospital Universitário com sede na rua Pernambuco na cidade de Londrina-PR. Em 1975 tem suas instalações transferidas para Av. Robert Koch número 60, também em Londrina recebendo o nome de Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná até que em 2004, depois da atualização do regime da Universidade Estadual de Londrina (UEL), volta a ser chamado de Hospital Universitário (HU). (UEL, 2013).

O Projeto “Sensibilizarte: humanizar através da Arte” teve início na Universidade Estadual de Londrina no ano de 2007 com o apoio Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) e Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), como dito tem segmento em quatro Frentes: Palhaço, Contação de Histórias, Música e Artesanato. Esses grupos fazem visitas periódicas em unidade de Saúde e no HU.

Ele foi criado por alunos do curso de Medicina da UEL, com o intuito de humanizar os profissionais da área da Saúde, ele é realizado dentro do Hospital Universitário Regional Norte do Paraná (HU).

Os membros do grupo são escolhidos após um processo seletivo que vai apontar em que Frente o aluno mais se adapta, visto que o Projeto possui as Frentes: de Contação de histórias, de Música, de Artesanato e Palhaço. Este Projeto abre vagas somente para alguns cursos da UEL aqueles relacionados à saúde são eles: Enfermagem, Fisioterapia, Farmácia, Medicina e Odontologia.

Mediante a escolha, os alunos passam por uma capacitação antes de fazer as visitas dentro do hospital. Isso porque precisam, além de conhecer as especificidades de sua respectiva Frente, saber também de alguns cuidados que devem ser tomados com os pacientes e com o

ambiente em que eles estarão, por exemplo, os alunos devem sempre seguir as normas da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), do referido hospital.

Os grupos além de trazerem aos pacientes e seus acompanhantes que passam por momentos tão delicados, um pouco de conforto e bem-estar; objetiva também um processo de humanização dos funcionários dentre eles médicos, enfermeiros e toda a equipe que trabalha e tem vínculo com esses pacientes.

Nessa pesquisa tivemos como amostra intencional a Frente de Contação de História. Nosso intuito foi comprovar como a leitura, na visão desse grupo pode, além de trazer conforto aos pacientes que estão hospitalizados, propiciar alegria aos que se envolvem no ato de contar histórias.

O profissional da Saúde, muitas vezes, acaba perdendo a sensibilidade perante o atendimento de tantos casos complicados não podendo trazer a sua vida pessoal para o trabalho e o trabalho para a sua vida pessoal. A participação desses membros em ações que os envolvam, de certa forma, com os pacientes, faz com que os problemas vividos por esses indivíduos sejam vistos por um ângulo mais subjetivo; ângulo este em que há espaço para devaneios. Lidar com o lado subjetivo é oportunizar ao indivíduo o encontro com sonhos, isto é, com a fantasia.

A biblioterapia contribui com todas essas ações promovendo uma humanização entre os prestadores de serviços voltados a área da Saúde, além de consolar os acompanhantes das pessoas que se encontram hospitalizadas, assim propiciando bem-estar aos próprios pacientes.

Na realização dessa pesquisa o Departamento de Ciência da Informação fez uma solicitação formal, por meio de ofício visto que iríamos ter contato com pessoas acamadas, sem liberdade de sair do ambiente, caso desejassem. A autorização para realizarmos a pesquisa foi respondida por e-mail pela coordenadora da referida Frente.

Para a entrevista com as acadêmicas, antes de iniciá-la entregamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foram lidos e assinados. Visando um melhor delineamento da pesquisa foi escolhido como instrumento para a coleta de dados, a entrevista e o roteiro de observação. Essa escolha foi feita visto que com a entrevista e observação, além de obter informações sobre um assunto específico, é possível conseguir estudar as expressões corporais o que enriquece mais a pesquisa.

Em virtude da circulação restrita nos Ambulatório do HU, por causa de, entre outras causas infecções, não foi possível realizar o pré-teste do instrumento da entrevista dentro do Hospital, o mesmo foi aplicado com um ex-integrante do projeto que atuou na Frente da Música.

O gênero de entrevista que melhor se adaptou a esta proposta foi a padronizada ou estruturada, pois com um roteiro de perguntas previamente organizado o índice de equívocos e esquecimentos foi menor. Isso evitou constrangimentos, incômodos ou até mesmo a influência que o entrevistador poderia ter sobre o entrevistado, visto que as perguntas já estão fechadas e organizadas. Ela foi realizada no dia 18 de setembro de 2014 com três acadêmicas, sendo elas de Medicina e de Enfermagem. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, unicamente para facilitar a análise das respostas, podendo sanar quaisquer dúvidas no entendimento de todas as informações.

As questões propostas foram: 1) Por que você decidiu participar desta Frente do projeto Sensibilizarte? 2) Você acha que as narrativas orais trazem benefícios para você? Quais? Por quê? 3) Quais os benefícios que você consegue apontar que as narrativas orais podem trazer para as pessoas que se encontram hospitalizadas e para os seus acompanhantes? 4) Será que as narrativas orais, além de promover um bem estar ao paciente, pode fazer com que ele tenha uma recuperação mais tranquila? e 5) Quais recursos que você considera indispensáveis para narrativas orais?

As três participantes são mulheres e estão na faixa etária de 20-30 anos, fazem os cursos de Medicina (1) e Enfermagem (2). A explicação para o número, aparentemente pequenos de entrevistados, deve-se ao fato dessa Frente ser composta de 12 alunos, mas o critério estabelecido era os integrantes com maior tempo de participação. Essa informação partiu da coordenadora dessa Frente e foi de grande valia, pois eram as contadoras com maior poder de argumentação pela experiência no Projeto.

## **4 RESULTADOS**

Nessa investigação foi possível identificar que as acadêmicas entrevistadas fazem referências ao imaginário dos pacientes internados no HU. Elas afirmam que a Contação de Histórias mexe com a emoção, fazendo com que eles consigam, ao menos no momento da Contação, estar em lugares diferentes, de o ambiente hospitalar. Caldin (2003, p. 5) comentando a respeito do conto clássico afirma que ele, no contexto infantil: “É um jogo estimulante – a criança sabe que o que está lendo não é verdade, mas finge acreditar – é a magia do imaginário, tão necessária ao desenvolvimento infantil.”

Entendemos que esse imaginário, não está presente somente nas crianças, os adultos mesmo com suas crenças, conceitos e preconceitos, também precisam “fugir” de sua realidade, muitas vezes, repleta de dor.

É preciso aceitar que muitos de nossos conflitos, começam dentro de nós, e muitas vezes ainda na infância e é carregado até a fase adulta. A biblioterapia é uma ação positiva para pacientes de todas as idades. O que é preciso é aceitar os benefícios que a leitura pode trazer a todos, seja ele coletivo ou individual.

### **4.1 Síntese das Entrevistas**

Durante a entrevista foi possível identificar o quanto essa leitura compartilhada faz bem, também para quem conta as histórias, pois com

a Contação eles conseguem romper barreiras intelectuais e sociais. No momento em que o Grupo se reúne com os pacientes conseguem deixar os problemas vivenciados, e por vezes, se tornam os personagens das histórias. Isso ocorre também com os acadêmicos que deixam de ser alunos e se integram e interagem em um mundo, que pode ser do paciente e da história narrada.

Além dessa interação e das histórias e fatos narrados, surge outras histórias. Histórias estas que o grupo absorve e transforma em outras histórias e assim a teia de contação de histórias se torna mais abrangente.

Avaliamos que a biblioterapia praticada pelo Grupo é válida em outros espaços, mas no contexto hospitalar, além de imprescindível, pode ser considerado um remédio para apaziguar as emoções.

Podemos afirmar ainda que com a prática da biblioterapia, os indivíduos hospitalizados podem trazer a leitura para dentro de suas vidas.

Ler no livro o texto literário para o outro, criança, jovem ou adulto, partilhando a emoção de cada palavra, através da voz e do movimento, desperta o interesse pela leitura e demonstra afeto e atenção, explicitando a forte relação entre literatura e emoção, entre um leitor e outro leitor. (SERRA, 1999, p. 6).

Cada vez mais é possível perceber o quanto a leitura “faz diferença” na vida do leitor (ouvinte ou narrador). Além de benefícios para a saúde física e mental podem, posteriormente, ser uma prática constante e prazerosa e uma ocupação mental para os pacientes.

Percebemos que com a leitura o pensamento das pessoas “criam asas”, a ambiência criada pela oralização de histórias deixa as dificuldades físicas e psicológicas suspensas. O momento da leitura e da Contação é como uma válvula de escape, em que se busca uma mobilidade diante da impotência em que estão vivendo.

A Contação substitui o tempo de conversa que os profissionais não conseguem disponibilizar aos pacientes. É um benefício também para os profissionais, que percebem os pacientes por outro ângulo, com

um olhar humanizado. Acreditamos que nesse momento, tanto o profissional quanto o paciente se igualam, pois são pessoas que conversam sobre fatos da vida cotidiana.

Acreditamos que nas conversas após as Contações os pacientes relaxavam e se permitem a rir e até gargalhar. Percebemos na literatura que sensações como essa ajuda, mesmo que momentaneamente, na estabilidade do organismo e com isso, evita doenças. Isso é destacado por Lambert (1999, p. 22): “Sorrir ou rir é agradável e faz bem [...] o riso relaxa o corpo e a mente, fortalece as defesas orgânicas, melhora a circulação e a pressão arterial e libera ‘endorfina’, que provocam uma sensação de bem-estar geral. Enfim rir é saudável.”

Portanto, é desejável que as ações de Contação estejam sempre presentes nos ambientes hospitalares, pois isso, como relatado pelas contadoras, faz com que os pacientes tenham uma recuperação mais tranquila, podendo também uma possibilidade de encontrar com diversos gêneros de leitura.

#### **4.2 Síntese da Observação**

No dia 02 de outubro de 2014 realizamos a observação na Enfermaria da Ala Feminina. Lá a pesquisadora coletou informações que, por algum motivo, poderiam passar despercebida no momento da entrevista.

Observamos que primeiramente o grupo se prepara para a Contação em uma sala reservada e nela discutem o tema que vai ser tratado durante a visita. As histórias escolhidas geralmente são aquelas que fazem com que os pacientes consigam se identificar com os personagens. No período da nossa observação, foi possível verificar que eles “entram” nas histórias e acabam contando também sobre suas vidas.

Para chamar a atenção dos pacientes as participantes usam um avental amarelo ouro com o nome do grupo bordado. Esse avental tem um bolso na frente que geralmente elas guardam as histórias que serão contadas. Percebemos que elas fizeram pouco uso dos papéis, pois elas

já sabem o que será feito durante a Contação, esta que por diversas vezes acabou se tornando uma agradável conversa.

Fazem uso também de uma maquiagem bem forte e colorida, o que certamente ganha destaque no ambiente em questão, essa maquiagem é feita durante a concentração do grupo, isto é, período anterior a entrada nos quartos.

Como o grupo é composto de 12 pessoas é feito uma divisão em dois grupos antes de entrar no Ambulatório. A intenção em dividir em grupos, segundo elas, é conseguir realizar um maior número de visitas.

Ao entrarem nos quartos, elas se apresentam e em seguida já perguntam se as pessoas (pacientes e familiares) concordam em ouvir uma história. Observamos é que logo acima da cama de cada paciente, tem uma folha com o nome da pessoa acamada, que é de fácil visualização ao entrar no quarto, porém mesmo com a identificação as participantes perguntam o nome de cada paciente. Esse gesto faz com que se crie um vínculo maior entre pacientes e o grupo, pois desta forma fica claro que o Grupo não está ali como profissional da Saúde e sim um possível amigo. Desta forma, os pacientes não se sentem pressionados a nada, a barreira de hierarquia é rompida nesse momento.

Em cada quarto observamos uma reação diferente, tanto do Grupo quanto dos pacientes. No começo é sempre um olhar curioso, por não saberem do que se trata, todos olham calados sem muito questionar. Isso acaba em poucos instantes, pois no decorrer das histórias os pacientes já querem argumentar sobre o que estão ouvindo e começam a dar exemplo da própria vida, contam vivências parecidas com as dos textos e, mais uma vez a Contação acaba em uma conversa entre amigos. As participantes saem rindo e deixam os pacientes rindo também.

Como ilustração vale citar o seguinte fato ocorrido: uma paciente que estava em um quarto ao lado daquele em que as contadoras entraram, e quando as viu entrar, se levantou do leito e foi ao encontro delas arrastando o suporte do soro. Quando chegou ao quarto ficou

quieta, encostada na parede. Ao término da Contação ela voltou para o seu quarto silenciosamente

Percebemos que o Grupo respeita muito a vontade dos pacientes e, em cada quarto se comportam de um jeito diferente, tentam se adaptar sempre as pessoas que estão no ambiente.

Cada paciente reagiu de um jeito, uns tímidos não quiseram conversar muito, ouviram as histórias e já se calaram. Outros mais calorosos conversaram bastante sobre suas vidas, mas todos de uma forma geral aparentavam gostar bastante da presença do Grupo.

A interação foi tão intensa que uma acadêmica ao questionar se deveria ou não namorar um rapaz, uma paciente, bem idosa, ficou alguns minutos dando conselhos, o que provocou a participação também da sua nora. Ambas relataram acontecimentos familiares, foram muitas espontâneas e as histórias de vida muito engraçadas.

Foi perceptível que o Grupo estava entrosado, pois souberam a hora de falar mais e menos e o mais importante, a hora de sair. Os graduandos na área da Saúde sabem que os pacientes precisam também de repouso, tranquilidade e passam por vários procedimentos e que por conta disso precisam ficar disponíveis. O Grupo não pode ficar por longos períodos no quarto, as visitas das contadoras demoravam em média de 10 a 15 minutos, mas tivemos a certeza de que Grupo e os pacientes ficariam mais tempo. Outra constatação é que na saída, os pacientes ficam sempre melhores. Isso foi visível nos olhares e gestos de cada um.

No final das visitas ao sair da ala hospitalar o Grupo estava eufórico, cada participante queria relatar a impressão que teve dos pacientes. Isso foi diferente de quando entraram, pois as contadoras estavam introvertidas com a expectativa do que as esperavam.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Iniciar essa pesquisa foi desafiante, a pesquisadora conhecia o Projeto Sensibilizarte por meio de conversas informais, mas com essa

pesquisa foi possível constatar como a relação entre pessoas acamadas e não acamadas é de fundamental importância. Percebemos como a leitura pode promover a união entre elas, auxiliando-as a enfrentar de forma mais serena os problemas relacionados à sua saúde.

Avaliamos que a biblioterapia pode ser inserida no ambiente hospitalar de maneira natural, por exemplo, ao focar no projeto de ensino Sensibilizarte, descortinamos uma proposta valiosa.

Iniciamos com um breve histórico observando como essa técnica é utilizada desde tempos mais remotos e também com nomenclaturas diferentes, mas buscando e alcançado sempre o mesmo propósito.

Com o auxílio de diversos autores, em especial, a pesquisadora Clarice Fortkamp Caldin foi possível detectar exemplos de biblioterapia na área da Ciência da Informação tratando desse tema, ainda pouco conhecido.

A biblioterapia pode e deve estar presente na prática de um bibliotecário, pois desta forma o profissional, além de fugir de um estereótipo que o persegue, consegue abranger áreas distintas e fazer a união entre elas. Essa pesquisa comprovou isso, a Biblioteconomia se aproximando da área da Saúde.

Foi possível conhecermos mais sobre o projeto Sensibilizarte, projeto este que além de permitir uma valorização social dos Seres envolvidos, consegue unir ensino, aprendizagem, solidariedade, amor ao próximo, responsabilidade e humanização entre todos os integrantes, qualidades essas que estão sendo repassadas aos pacientes.

Os procedimentos metodológicos adotados para essa pesquisa se encaixaram com os objetivos previstos sendo possível colocá-los em prática e concluí-los. Pesquisas a respeito da biblioterapia ainda são pouco exploradas na Ciência da Informação, deixamos então a recomendação de um estudo futuro na ala masculina para que seja feita a comparação do efeito que as histórias têm nesses sujeitos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geysse Maria. A leitura como tratamento: Diversas aplicações da biblioterapia. In: ENCONTRO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: UFAM, 2011. Disponível em:

<<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/A%20LEITURA%20COMO%20TRATAMENTO%20diversas%20aplica%C3%A7%C3%B5es%20da%20biblioterapia.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2014. Não paginado.

ALVES, Maria Helena Hess. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.

Disponível em:

<<http://www.brapi.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003179&dd1=4b93d>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 6, n. 12, dez. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 1-12, jan./jun. 2003. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p47/5235>>. Acesso em: out. 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em:

<<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/etd/article/view/1809/1651>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GUEDES, Mariana Giuberti; BAPTISTA, Sofia Galvão. Biblioterapia na Ciência da Informação: Comunicação e Mediação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 231-253, jan./abr. 2013. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p231/24527>>. Acesso em: 21 out. 2015.

LAMBERT, Eduardo. **A terapia do riso: a cura pela alegria**. São Paulo: Pensamento, 1999.

MIRANDA, Clara Feldman de; MIRANDA, Márcio Lúcio de Miranda. **Construindo a relação de ajuda**. 7. ed. Belo Horizonte: Editora Crescer, 1991.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

OTANI, Nilo; FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **TCC: métodos e técnicas**. 2. ed. Florianópolis: Visual Books, 2011.

SERRA, Elizabeth. O direito à leitura literária. **Folha Proler**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, p. 6, ago. 1999.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da produção documental sobre biblioterapia no Brasil**. 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PPSI0170.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Portal Webhu. **Hospital Universitário**. Disponível em: <<http://www.hu.uel.br/index.php?pagina=193&pai=55>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

## Title

Bibliotherapy in Hospital Scope

## Abstract

**Introduction:** This research sought to emphasize the importance of reading has for hospitalized people. Reading is present in society there thousands of years, the junction between reading and termed therapy - bibliotherapy, it is still a little technique used by professional health and little searched for information professional.

**Objective:** To investigate the perspective of project participants Sensibilizarte as bibliotherapy can help people who are hospitalized.

**Methodology:** Exploratory qualitative research and field, in data collection instruments structured interview and the script note.

**Results:** It was pointed out, by means of Sensibilizarte design, the bibliotherapy should be carried out by health professionals in partnership with other areas in order to provide improvements in patients with Storytelling.

**Conclusions:** It was possible to point out that the integration of bibliotherapy and librarians, disseminating narrating stories may decrease stereotypes thus creating a new vision of the profession. It turned out that the librarians can and should create links with areas of professional different, in which case the Health.

**Key words:** Bibliotherapy in Hospitals. Reading therapy. Librarians-monitored readings.

## Titulo

Biblioterapia en el Ámbito de Hospital

## Resumen

**Introducción:** Esta investigación buscó resaltar la importancia que tiene leer a las personas hospitalizadas. La lectura está presente en la sociedad durante miles de años, la unión entre lectura y terapia llamado - biblioterapia, una técnica aún poco utilizada por los profesionales de la Salud y poco investigado por profesionales de la información.

**Objetivos:** Investigar, en punto de vista miembros de el proyecto Sensibilizarte, la biblioterapia puede ayudar a las personas que se encuentran hospitalizadas.

**Metodología:** Campo de la investigación exploratoria y cualitativa, con recolección de datos instrumentos de la entrevista estructurada y la notas de información.

**Resultados:** Destacó, a través del proyecto Sensibilizarte, que la biblioterapia debe ser ejercida por profesionales de la Salud en colaboración con otras áreas, con el fin de promover mejoras en pacientes con la narración de historias.

**Conclusiones:** Cabe señalar que la integración de biblioterapia y bibliotecarios, difundir el narrar historias puede disminuir los estereotipos, creando así una nueva visión de la profesión ha detectado que los bibliotecarios pueden y deben crear vínculos con profesionales de diferentes ámbitos, en este caso, la Salud.

**Palabras clave:** Biblioterapia en hospitales. Terapia de lectura. Supervisado por bibliotecarios lecturas.

Recebido em: 26.12.2015

Aceito em: 20.03.2016